CIP — Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Klein, Melanie, 1882-1960.
K72c Contribuições à psicanálise / Melanie Klein; [traduzido por
2. ed. Miguel Maillet]. — 2. ed. — São Paulo : Mestre Jou, 1981.

Bibliografia.

1. Psicanálise 2. Psicanálise infantil I. Título.

CDD-616.8917
-618.928917
NLM-WM 460
-WS 350

81-1041

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise : Medicina 616.8917
2. Psicanálise infantil : Medicina 618.928917

BIBLIOTECA DO IEPP

MELANIE KLEIN

CONTRIBUIÇÕES À PSICANÁLISE

1,35

BIBLIOTECA DO IEPP

EDITORA MESTRE JOU
São Paulo

8

PRIMEIRAS FASES DO COMPLEXO DE ÉDIPO

1928

EM MINHAS análises de crianças, especialmente as de entre três a seis anos, tenho obtido uma série de conclusões que resumirei a seguir.

Tenho feito freqüentes alusões à conclusão de que o complexo edípico começa a atuar muito antes do que geralmente se supõe. Em meu ensaio, "The Psychological Principles of Infant Analysis", (pág. 140), estudei este assunto com maiores detalhes. Cheguei à conclusão de que as tendências edípicas são liberadas em conseqüência da frustração que a criança sofre com o desmame e que elas aparecem no fim do primeiro ano e princípio do segundo ano de vida; são reforçadas pelas frustrações anais sofridas durante o treinamento para os hábitos higiênicos. A influência seguinte, determinante dos processos mentais, é a diferença anatômica entre os sexos.

O menino, ao sentir-se impelido a abandonar a posição oral e anal pela genital, passa para os fins de **penetração,** associados à posse de um pênis. Assim modifica, não apenas sua posição libidinosa, mas também seu fim, e isto lhe permite reter o seu objeto de amor original. **Na menina,** por outro lado, seu fim **receptivo** é transladado da posição oral para a genital; assim, muda sua posição libidinosa mas retém seu fim, que já a conduzira a um desapontamento em relação à mãe. Desta forma, origina-se na menina a recep-

tividade para o pênis e ela se dirige então ao pai como objeto de amor.

Mas o próprio início dos desejos edípicos, já se liga ao medo incipiente da castração e aos sentimentos de culpa.

A análise de adultos, da mesma forma que a de crianças, nos tem familiarizado com o fato de que os impulsos instintivos pré-genitais são acompanhados por sentimentos de culpa. A princípio se pensava que os sentimentos de culpa apareciam mais tarde, deslocados para estas tendências, embora não associados originalmente a elas. Ferenczi supõe que, ligado aos impulsos uretrais e anais, há uma 'espécie de precursor fisiológico do superego', que ele chama de 'moral esfincteriana'. Segundo Abraham, a ansiedade faz sua aparição no estágio canibalístico, ao passo que o sentimento de culpa surge na subseqüente primeira fase sádico-anal.

Minhas descobertas levam ainda mais longe. Mostram que o sentimento de culpa associado às fixações pré-genitais já é efeito direto do complexo edípico. Isto parece explicar satisfatoriamente a origem de tais sentimentos, pois sabemos que o sentimento de culpa é, na realidade, um resultado da introjeção (já realizada ou, acrescentaria eu, ainda em processo de realização) dos objetos de amor edípico, isto é, o sentimento de culpa é o produto da formação do superego.

A análise de crianças pequenas revela a estrutura do superego como se originando em identificações que datam de diferentes períodos e estratos da vida mental. Estas identificações são surpreendentemente contraditórias em sua natureza, pois coexistem a excessiva bondade e o excessivo rigor. Encontramos nelas também uma explicação da severidade do superego, que se manifesta especialmente nas análises infantis. Não parece claro por que uma criança de, digamos, quatro anos de idade, alimente em seu espírito uma imagem irreal e fantástica de pais que devoram, cortam e mordem; mas é claro por que, numa criança de mais ou menos **um ano**, a ansiedade causada pelo início do complexo edípico, toma a forma de um temor de ser devorada e destruída. A própria criança deseja destruir seu objeto libidinoso, mordendo-o, cortando-o e devorando-o, o que provoca ansiedade, já que o despertar das tendências edípicas

é seguido pela introjeção do objeto, que se transforma então em alguém de quem se deve esperar um castigo. A criança teme então um castigo que corresponda à sua ofensa: o superego se transforma em algo que morde, corta e devora.

A conexão entre a formação do superego e as fases pré-genitais do desenvolvimento é muito importante, de dois pontos de vista. De um lado, o sentimento de culpa se vincula com as fases sádico-oral e sádico-anal ainda predominantes e, por outro lado, o superego entra em cena quando predominam estas fases, o que explica o seu sádico rigor.

Estas conclusões abrem novas perspectivas. Só por meio de um forte recalque pode o ego, ainda muito fraco, defender-se de um superego tão ameaçador. Já que a princípio as tendências edípicas se expressam principalmente sob a forma de impulsos orais e anais, a questão de quais fixações virão a predominar no desenvolvimento edípico será determinada pelo grau de recalque que tem lugar neste estágio precoce.

Outra razão para que seja tão importante a conexão direta entre a fase pré-genital do desenvolvimento e o sentimento de culpa, é que as frustrações orais e anais, que são o protótipo de todas as frustrações posteriores na vida, significam ao mesmo tempo **castigo** e produzem a ansiedade. Estas circunstâncias fazem que a frustração seja sentida mais agudamente e esta amargura contribui em grande parte a tornar mais penosas todas as frustrações subseqüentes.

Pensamos que conseqüências importantes resultam do fato de estar o ego tão pouco desenvolvido quando é assaltado pela aparição das tendências edípicas e pela incipiente curiosidade sexual associada a elas. O menino ainda não desenvolvido intelectualmente está exposto a uma investida de problemas e de interrogações. Um dos mais amargos ressentimentos que temos encontrado no inconsciente é que esta quantidade esmagadora de interrogações, que são aparentemente só em parte conscientes e, quando conscientes, não podem ser expressas em palavras, permanecem sem resposta. Esse recalque é logo acompanhado por outro, ou seja, que a criança não podia compreender as palavras e a fala. Deste modo, as suas interrogações remontam para além dos **começos** de sua compreensão da linguagem.

Na análise, estes dois motivos de queixa fazem surgir uma quantidade extraordinária de ódio. Sozinhos ou juntos,

formam a causa de numerosas inibições do impulso epistemofílico, por exemplo, a incapacidade para aprender línguas estrangeiras e, mais tarde, o ódio contra aqueles que falam um idioma diferente. São também responsáveis por transtornos da fala etc. A curiosidade que se mostra abertamente mais tarde, sobretudo no quarto ou quinto ano de vida, não é o princípio, mas o clímax e a terminação desta fase de desenvolvimento, o que verifiquei ser também verdadeiro no complexo edípico em geral.

Este sentimento precoce de **não saber** tem múltiplas conexões; une-se ao sentimento de ser incapaz, impotente, o que logo resulta da situação edípica. A criança também sente esta frustração de forma mais aguda, porque **não sabe nada** definido sobre os processos sexuais. Em ambos os sexos o complexo de castração é acentuado por este sentimento de ignorância.

Esta primeira conexão entre o impulso epistemofílico e o sadismo é muito importante para todo o desenvolvimento mental. Este instinto, ativado pelo surgimento das tendências edípicas, está a princípio principalmente relacionado com o corpo da mãe, que se supõe ser o palco de todos os processos e desenvolvimentos sexuais. A criança está ainda dominada pela situação sádico-anal da libido, que a impele a desejar **apropriar-se** dos conteúdos do corpo. Deste modo, começa a ter curiosidade pelo que contém, como é etc. Assim, o instinto epistemofílico e o desejo de tomar posse chegam logo a estar intimamente ligados um com o outro e, ao mesmo tempo, com o sentimento de culpa provocado pelo incipiente complexo edípico. Esta significativa conexão anuncia, em ambos os sexos, uma fase de desenvolvimento de importância vital, que até agora não tem sido suficientemente reconhecida. Consiste numa identificação muito precoce com a mãe.

O curso seguido por esta fase 'feminina' deve ser examinado separadamente nos meninos e nas meninas mas, antes de fazê-lo, irei mostrar a sua conexão com a fase prévia, comum a ambos os sexos.

No estágio precoce do desenvolvimento sádico-anal, a criança atravessa o seu segundo traumatismo grave, que fortalece sua tendência de afastar-se da mãe. A mãe frustrou os seus desejos orais e agora interfere também em seus prazeres anais. Parece que, neste momento, as frustrações anais fazem com que as tendências anais se amalgamem às tendências sádicas. O menino deseja tomar posse das fezes da mãe, penetrando em seu corpo, cortando-o em pedaços, devorando-o ou destruindo-o. Sob a influência dos seus impulsos genitais, a criança começa a dirigir-se à sua mãe como a um objeto de amor. Mas seus impulsos sádicos estão em plena atividade, e o ódio, originado nas mais precoces frustrações, se opõe fortemente ao seu objeto de amor, de nível genital. Obstáculo ainda maior ao seu amor é o temor de ser castrado pelo pai, que surge com os impulsos edípicos. O grau em que alcance a posição genital dependerá em parte de sua capacidade de tolerar esta ansiedade. Nisto, a intensidade das fixações sádico-orais e sádico-anais é um fator importante. Condicionam a quantidade de ódio que o menino sente para com sua mãe e isto, por sua vez, o impede, em maior ou menor grau, de alcançar uma relação positiva com ela. As fixações sádicas exercem também decisiva influência na formação do superego, que surge quando esta fase está em ascendência. Quanto mais cruel for o superego, mais terrível parecerá o pai castrador e o menino, em sua fuga dos impulsos genitais, se aferrará mais tenazmente aos níveis sádicos, níveis que, em última instância, também dão colorido às suas tendências edípicas.

Nestes primeiros estágios, todas as posições do desenvolvimento edípico são caracterizadas em rápida sucessão. Isto, contudo, não se nota, porque o quadro está dominado pelos impulsos pré-genitais. Além disso, não se pode traçar uma linha rígida entre a atitude ativa heterossexual, que se expressa no nível anal, e o estágio posterior de identificação com a mãe.

Chegamos agora a fase de desenvolvimento de que já falei, denominando-a 'fase feminina'. Tem sua origem no nível sádico-anal e dá a este nível um novo conteúdo, já que as fezes são agora equiparadas ao filho desejado e o desejo de roubar a mãe se dirige tanto às crianças como às fezes. Aqui podemos distinguir dois alvos, que se combinam entre si; um surge do desejo de ter filhos e a intenção de apropriar-se deles; enquanto o outro está motivado pelos ciúmes dos futuros irmãos e irmãs, cujo nascimento se espera e pelo desejo de destruí-los dentro da mãe. (Um terceiro objeto das tendências sádico-orais da criança, dentro da mãe, é o pênis do pai).

Da mesma forma que no complexo de castração das meninas, também no complexo feminino dos meninos há, no fundo, o desejo frustrado de um órgão especial. As tendências para roubar e destruir estão em relação com os órgãos da concepção, da gravidez e do parto, que a criança pensa existirem na mãe e, outrossim, com a vagina e os seios, estes como fonte de leite, que são cobiçados como órgãos de receptividade e abundância, desde a época em que a fase libidinosa é puramente oral.

O menino teme o castigo por haver destruído o corpo da mãe mas, além disso, seu temor é de natureza mais geral, e aqui temos uma analogia com a ansiedade associada aos desejos de castração da menina. Ele teme que seu corpo seja mutilado e desmembrado e este temor também significa castração: temos aqui uma contribuição direta ao complexo de castração. Neste primeiro período de desenvolvimento, a mãe que remove as fezes da criança também significa uma mãe que a desmembra e a castra. Não só por meio das frustrações anais que ela inflige prepara o terreno para o complexo de castração: mas em termos de realidade psíquica, ela já é também, a **castradora.**

Este temor da mãe é tão acabrunhante porque está unido a ele um intenso temor de ser castrado pelo pai. As tendências destrutivas cujo objeto é o útero estão também dirigidas com toda a sua intensidade sádica oral e anal, contra o pênis do pai, que se supõe estar ali situado. É neste pênis que se enfoca, nesta fase, o temor de ser castrado pelo pai. Deste modo, a fase feminina está caracterizada pela ansiedade em relação com o ventre da mãe e o pênis do pai, ansiedade que submete o menino à tirania de um superego que devora, desmembra e castra e que está formado pela imagem do pai e da mãe.

A posição genital incipiente está, deste modo, desde o princípio, entrelaçada e mesclada com as múltiplas tendências pré-genitais. Quanto maior for a preponderância das fixações sádicas, tanto mais a identificação do menino com sua mãe corresponderá a uma atitude de rivalidade com a mulher, com sua mescla de inveja e de ódio porque, de acordo com seus desejos de ter um filho, sente-se em situação de desvantagem e inferioridade a respeito da mãe.

Vejamos agora por que o complexo feminino dos homens parece muito mais obscuro que o complexo de castração das

mulheres, que é de igual importância. A mistura do desejo de ter um filho com o impulso epistemofílico, permite ao menino efetuar um deslocamento ao plano intelectual; seu sentimento de estar em desvantagem fica então dissimulado e supercompensado pela superioridade que ele extrai de possuir o pênis, reconhecida também pelas meninas. Este exagero da posição masculina leva a excessivas manifestações de masculinidade. Em seu trabalho ("Die Wurzel des Wissbegierde"),[1] Mary Chadwick atribuiu também a superestimação narcisista do pênis pelo homem e sua atitude de rivalidade intelectual para com as mulheres à frustração do seu desejo de ter um filho e ao deslocamento deste desejo ao plano intelectual.

A tendência dos meninos a expressarem agressão excessiva, que aparece muito freqüentemente, tem suas fontes no complexo feminino. É acompanhada por uma atitude de desprezo e de 'saber mais' e é sumamente anti-social e sádica; é determinada, em parte, por uma tentativa de encobrir a ansiedade e a ignorância subjacentes. Coincide, em parte, com o protesto do menino (originado em seu medo da castração) contra o papel feminino, mas está também arraigado em seu temor da mãe, da qual queria roubar o pênis do pai, seus filhos e seus órgãos sexuais femininos. Esta excessiva agressividade junta-se ao prazer de atacar, que provém da situação edípica, direta e genital, mas representa a parte da situação que é o maior fator associal na formação do caráter. Isto explica porque a rivalidade do homem com as mulheres será muito mais anti-social que a sua rivalidade com os próprios homens, que está largamente incitada pela posição genital. É claro que a quantidade de fixações sádicas também determinará as relações de um homem com outros homens, quando estes forem rivais. Se, ao contrário, a identificação com a mãe está baseada numa posição genital mais fortemente estabelecida, por um lado sua relação com as mulheres será de caráter positivo e, por outro, o desejo de ter um filho e o componente feminino, que desempenha papel tão essencial no trabalho dos homens, encontrará oportunidades mais favoráveis para a sublimação.

Em ambos os sexos, uma das principais raízes das inibições no trabalho é a ansiedade e o sentimento de culpa,

[1] *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, vol. XI, 1925.

associados à fase feminina. A experiência ensinou-me, todavia, que uma análise profunda desta fase é, também por outras razões, importante do ponto de vista terapêutico e deveria poder ajudar em alguns casos obsessivos que parecem haver chegado a um ponto em que nada mais pode ser resolvido.

No desenvolvimento do menino, a fase feminina é seguida por prolongada luta entre a posição pré-genital e genital da libido. Esta luta, que atinge seu apogeu entre os três e cinco anos de idade, é claramente reconhecida como complexo de Édipo. A ansiedade associada com a fase feminina conduz o menino à identificação com o pai, mas este estímulo por si mesmo não proporciona uma base firme para a posição genital, pois conduz principalmente ao recalque e à supercompensação dos instintos sádico-anais e não à sua superação. O medo de ser castrado pelo pai fortalece a fixação nos níveis sádico-anais. O grau de genitalidade constitucional também desempenha papel importante, no que diz respeito a um resultado favorável, ou seja, o atingimento do nível genital. Muitas vezes, o resultado da luta permanece indeciso, o que provoca o aparecimento de transtornos neuróticos e de perturbações da potência.[2] Assim, o atingimento de uma potência completa e o alcance de uma posição genital, dependerão em parte da liqüidação favorável da fase feminina.

Vou agora abordar o desenvolvimento das meninas. Em conseqüência do processo de desmame, a menina se afastou da mãe, sendo impelida mais fortemente a fazê-lo devido às frustrações anais que sofreu. As tendências genitais começam agora a influir em seu desenvolvimento mental.

Estou completamente de acordo com Helene Deutsch,[3] quando sustenta que o desenvolvimento genital da mulher se completa pelo deslocamento bem sucedido da libido oral à genital. Apenas, minhas observações me levaram a acreditar que este deslocamento começa com as primeiras manifestações dos impulsos genitais e que o alvo oral e receptivo dos genitais exerce influência determinante para que **a menina se volte para o pai.** Além disso, cheguei à conclusão de que quando os impulsos edípicos fazem sua aparição, não só surge um reconhecimento inconsciente da vagina, mas também sensações neste órgão e no resto do aparelho genital. Nas meninas, porém, a masturbação não representa uma descarga tão adequada para esta quantidade de excitação como nos meninos. É por isso que a falta acumulada de satisfações proporciona outro motivo para que existam mais complicações e distúrbios no desenvolvimento sexual feminino. A dificuldade de obter completa satisfação pela masturbação pode ser outra causa, além das indicadas por Freud, do repúdio do onanismo pela menina e isto pode explicar em parte por que, durante sua luta para abandoná-la, a masturbação manual é geralmente substituída pelo aperto de uma coxa contra a outra.

[2] Cf. W. Reich: "Die Funktion des Orgasmus", reimpresso em *The discovery of the Orgone* (Nova Iorque, 1942).

[3] H. Deutsch, *Psychoanalyse der weiblichen Sexualfunktion.*

Além da qualidade receptiva do órgão genital, mobilizada pelo intenso desejo de nova fonte de satisfação, a inveja e o ódio da mãe possuidora do pênis do pai, parece ser no período em que surgem estes primeiros impulsos edípicos, um motivo a mais para que a menina se volte para o pai. As carícias do pai têm agora um efeito de sedução e são sentidas como 'a atração do sexo oposto'.[4]

A identificação da menina com a mãe resulta diretamente dos impulsos edípicos: toda a luta provocada no menino pela sua ansiedade de castração não existe na menina. Nas meninas, como nos meninos, esta identificação coincide com as tendências sádico-anais de roubar e destruir a mãe. Se a identificação com a mãe tem lugar predominantemente num estágio em que as tendências sádico-orais e sádico-anais ainda são muito fortes, o medo a um superego materno primitivo conduzirá ao recalque e à fixação a esta fase e interferirá no futuro desenvolvimento genital. O medo à mãe também impele a menininha a renunciar à identificação com ela, começando então a identificação com o pai.

O impulso epistemofílico da menina pequena é despertado primeiramente pelo complexo edípico; o resultado é que ela dá pela falta de um pênis. Sente esta ausência como nova causa de ódio para com a mãe, mas, ao mesmo tempo,

[4] Deparamos regularmente com o reproche inconsciente de que a mãe seduziu o menino quando cuidava dele. Este reproche remonta ao período em que afloram os desejos genitais e despertam as tendências edípicas.

seu sentimento de culpa faz que considere isto como castigo. Isto torna a sua frustração ainda mais amarga e exerce profunda influência em todo seu complexo de castração.

Este primeiro pesar pela falta de pênis mais tarde aumenta muito, quando a fase fálica e o complexo de castração se tornam totalmente ativos. Disse Freud que a ausência de pênis causa o afastamento da mãe e a aproximação ao pai. Minhas observações pessoais comprovam, todavia, que esta descoberta só atua como fortalecimento, neste sentido: é feito num estágio muito precoce do complexo edípico e o desejo de ter um pênis segue-se ao desejo de ter uma criança, o qual substitui novamente o desejo do pênis num desenvolvimento posterior. Considero a privação do peito (o desmame), como sendo a causa principal da aproximação ao pai.

A identificação com o pai está menos carregada de ansiedade que a identificação com a mãe; além disso, o sentimento de culpa para com ela impele a uma supercompensação por meio de uma nova relação amorosa com ela. Contra esta nova relação amorosa com ela atua o complexo de castração que dificulta uma atitude masculina, e também o ódio contra ela, que provém de situações mais antigas. O ódio e a rivalidade com a mãe leva a criança a abandonar novamente a identificação com o pai e a procura dele como objeto para amar e ser amada.

A relação da menina com a mãe faz com que a relação com o pai seja ao mesmo tempo positiva e negativa. A frustração que lhe produz o pai tem como base mais profunda o desengano já sofrido em relação à mãe; um poderoso motivo do desejo de possuí-lo, surge do ódio e da inveja contra a mãe. Se as fixações sádicas permanecerem predominantes, este ódio e sua supercompensação afetará também essencialmente a relação da mulher com os homens. Por outro lado, se houver uma relação mais positiva com a mãe, construída sobre a posição genital, não só estará a mulher mais livre de sentimento de culpa em relação a seus filhos, como também o seu amor pelo seu esposo será fortemente reforçado, já que para a mulher ele sempre ocupa o lugar da mãe que dá o que é desejado e ocupa também o lugar do filho amado. Sobre este fundamento muito significativo está construída a parte da relação que está ligada exclusivamente ao pai. A princípio, focaliza-se sobre a ação do pênis no coito.

Este ato, que também promete a satisfação dos desejos que estão agora deslocados para a esfera genital, para a menininha parece ser a proeza mais bem sucedida.

Sua admiração é, realmente, abalada pela frustração edípica, mas, a menos que se converta em ódio, constitui uma das características fundamentais da relação da mulher com o homem. Mais tarde, quando obtém completa satisfação dos impulsos amorosos, junta-se a esta admiração a imensa gratidão que deriva da longa frustração. Esta gratidão encontra sua expressão na maior capacidade feminina para uma completa e duradoura submissão a um só objeto amado, especialmente ao 'primeiro amor'.

Um setor em que o desenvolvimento da menina está em desvantagem é o seguinte: enquanto o menino **possui** realmente o pênis, a cujo respeito entra em rivalidade com o pai, a menina pequena possui apenas o desejo **insatisfeito** de maternidade, e disto tem um conhecimento confuso e incerto, embora muito intenso. Não é só esta incerteza que perturba sua esperança de uma futura maternidade. Esta esperança está muito mais enfraquecida pela ansiedade e pelo sentimento de culpa, o que pode prejudicar, de modo sério e permanente, a capacidade maternal de uma mulher. Por causa das tendências destrutivas que, em certa época, dirigiu contra o corpo da mãe (ou certos órgãos dentro dele) e contra as crianças no útero, a menina espera a retribuição em forma de destruição da sua própria capacidade de maternidade ou dos órgãos relacionados com sua função e de seus próprios filhos. Aqui temos também uma das raízes da constante preocupação das mulheres (amiúde tão excessiva) pela sua beleza pessoal, pois temem que esta também seja destruída pela mãe. No fundo do impulso para embelezar-se e adornar-se, existe sempre a idéia de **reparar** a beleza estragada, que se origina na ansiedade e no sentimento de culpa.[5]

É provável que este profundo temor à destruição dos órgãos internos possa ser a causa psíquica da maior suscetibilidade das mulheres, comparada com a dos homens, à histeria de conversão e às enfermidades orgânicas.

[5] Ver o trabalho de Hárnik no Congresso Psicanalítico de Innsbruck: "Die ökonomischen Beziehungen zwischen dem Schuldgefühl und dem weiblichen Narzissmus".

Esta ansiedade e sentimento de culpa são a causa principal do recalque dos sentimentos de orgulho e alegria no desempenho do papel feminino, que geralmente são muito fortes. Este recalque traz como conseqüência a depreciação da capacidade de maternidade, a princípio tão altamente valorizada. Deste modo, a menina sente falta da poderosa ajuda que o menino obtém da posse do pênis e que ela mesma poderia encontrar na expectativa da maternidade.

A intensa ansiedade da menina pela sua feminilidade pode ser considerada como análoga ao medo da castração do menino, já que certamente contribui para a contenção dos seus impulsos edípicos. O curso seguido pela ansiedade de castração do menino no que se refere ao pênis, o qual existe visivelmente é, no entanto, diferente; pode ser qualificado como mais **agudo** do que a ansiedade mais crônica da menina relativa aos seus órgãos internos, com os quais está, necessariamente, menos familiarizada. Outrossim, deve fazer diferença o fato de que a ansiedade do menino está determinada pelo superego paterno, e o da menina pelo superego materno.

Disse Freud que o superego da menina se desenvolve de modo diferente que o do menino. Constatamos amiúde que o ciúme desempenha papel mais importante na vida das mulheres do que na dos homens, porque é reforçado pela inveja refletida em direção ao homem, por causa do seu pênis. Por outro lado, porém, as mulheres possuem grande capacidade, não apenas baseada em supercompensação, para desatender seus próprios desejos e dedicar-se com auto-sacrifício a tarefas éticas e sociais. Não podemos explicar essa capacidade pela combinação de traços masculinos e femininos que, devido à disposição bissexual do ser humano influencia em casos particulares a formação do caráter, já que essa capacidade é de índole evidentemente maternal. Penso que, a fim de explicar como as mulheres podem percorrer uma gama tão extensa, desde os ciúmes mais rasteiros até o mais completo e generoso sacrifício de si mesmas, devemos considerar as condições peculiares da formação do superego feminino. Da primeira identificação com a mãe, na qual o plano sádico-anal é tão preponderante, desenvolvem-se na menina pequena ciúmes e ódio e se forma um superego cruel, extraído da **imago** materna. O superego que se desenvolve nessa etapa, a partir de uma identificação

paterna, pode ser também ameaçador e provocar ansiedade, mas nunca parece alcançar as mesmas proporções das que derivam da identificação materna. Quanto mais a identificação com a mãe se estabilizar numa base genital, tanto mais se caracterizará pela devoção e bondade de uma mãe generosa. Deste modo, esta atitude afetiva positiva depende das características do ideal materno alcançado no estágio pré-genital ou genital. Mas, no que concerne à conversão ativa emocional em atividades sociais ou de outra índole, pareceria que o que está ativo é o ideal do ego paterno. A profunda admiração que a menina sente pela atividade genital do pai, leva à formação de um superego paterno que estabelece perante ela fins de grande atividade, que nunca poderá alcançar totalmente. Se, devido a certos fatores do seu desenvolvimento, o incentivo para cumprir essas finalidades for suficientemente forte, a impossibilidade de consegui-las pode dar mais ímpeto aos seus esforços, os quais, combinados com a capacidade de auto-sacrifício que deriva do superego materno, proporciona a uma mulher, em casos especiais, grande capacidade para êxitos excepcionais no plano intuitivo e em certos campos específicos.

O menino também recebe, da fase feminina, um superego materno que o leva, da mesma forma que a menina, a fazer identificações, tanto cruelmente primitivas, como bondosas; mas ele passa por essa fase para reassumir (é verdade que em diversos graus) a identificação com o pai. Por mais que se faça sentir o lado materno na formação do superego, é, contudo, o superego **paterno** que exerce, desde o princípio, influência decisiva para o homem. Ele também coloca diante de si uma figura exemplar, mas que não é alcançável porque o menino **está** 'feito à imagem do seu ideal'. Esta circunstância contribui para que o trabalho criador do homem seja mais constante e objetivo.

O temor ao dano da sua feminilidade exerce profunda influência no complexo de castração da menina pequena, já que a leva a superestimar o pênis, que ela não tem; este exagero é então muito mais óbvio do que a ansiedade subjacente a respeito da sua própria feminilidade. Gostaria de relembrar, neste passo, os trabalhos de Karen Horney, que foi a primeira em examinar as fontes do complexo de castração das mulheres, na medida em que estas fontes residem na situação edípica.

A este respeito, devo referir-me à importância que têm, para a evolução sexual, certas experiências precoces na infância. Na conferência que pronunciei no Congresso de Salzburgo em 1924, mencionei que quando se presencia o coito num estágio posterior do desenvolvimento, estas experiências assumem o caráter de um trauma mas que, se ocorrem em idades mais recuadas, tornam-se fixas e formam parte do desenvolvimento sexual. Devo acrescentar que uma fixação deste tipo pode dominar não só este estágio peculiar do desenvolvimento, como também o superego que se encontra, nesse momento, em processo de formação e pode, então, prejudicar seu desenvolvimento ulterior. Quanto mais completamente o superego alcance seu zênite na etapa genital, menos virão a predominar as identificações sádicas em sua estrutura e mais provável será a obtenção da saúde mental e o desenvolvimento de uma personalidade de alto nível ético.

Há outro tipo de experiência na tenra infância que me parece típica e muito importante. Estas experiências acompanham, às vezes muito de perto, a observação do coito, e são induzidas ou fomentadas pelas excitações decorrentes. Refiro-me às relações sexuais de crianças pequenas entre si, entre irmãos e irmãs, ou entre companheiros de folguedos, que consistem nos atos mais variados: olhar, tocar, defecar em comum, **fellatio**, **cunnilingus** e, muitas vezes, tentativas diretas de copulação. Estão profundamente recalcadas e intensamente carregadas de sentimento de culpa. Estes sentimentos se devem principalmente ao fato de que o **objeto amado**, escolhido sob a pressão da excitação devida ao complexo edípico, é vivido pela criança como substituto do pai, da mãe ou de ambos. É assim que estas relações, que parecem tão insignificantes e das quais aparentemente não escapa nenhuma criança sob o estímulo do desenvolvimento edípico, assumem o caráter de uma realização edipiana concretamente realizada e exercem influência determinante sobre a formação do complexo edípico sobre o afastamento do sujeito deste complexo e sobre suas relações sexuais posteriores. Além disso, uma experiência deste tipo cria importante ponto de fixação no desenvolvimento do superego. Como conseqüência da necessidade de castigo e da compulsão de repetição, essas experiências levam amiúde a criança a submeter-se ao trauma sexual. Relativamente a

isto, gostaríamos de lembrar Abraham,[6] que demonstrou que sofrer traumas sexuais faz parte do desenvolvimento sexual das crianças. A investigação analítica destas experiências, tanto na análise de adultos como de crianças, serve muito para esclarecer a situação edípica com relação às fixações precoces e por isso à importante, do ponto de vista terapêutico.

Resumindo minhas conclusões: antes de mais nada quero sublinhar que, na minha opinião, elas não contradizem as observações de mestre Freud. Penso que o ponto essencial das considerações que tenho feito, está em que coloco estes processos em épocas muito mais recuadas e que, as diferentes fases (especialmente nos estágios iniciais), fundem-se uma com a outra mais livremente do que até agora se supunha.

Os estágios mais recuados do conflito edípico estão tão dominados pelas fases pré-genitais do desenvolvimento que a fase genital, quando começa a ser ativa, está a princípio bastante oculta e só mais tarde, entre os três e cinco anos de idade, torna-se mais claramente reconhecível. Nessa idade o complexo edípico e a formação do superego atingem seu ponto culminante. Mas o fato de que as tendências edípicas começam muito mais cedo do que supúnhamos, a pressão do sentimento de culpa que, portanto, recai nos níveis pré-genitais, a influência determinante assim exercida tão cedo no desenvolvimento edípico, por uma parte, na formação do superego pela outra e, em conseqüência, sobre a formação do caráter, sobre a sexualidade e tudo o mais que se refere ao desenvolvimento do sujeito — tudo isto me parece ter importância muito grande, mas até agora não reconhecida. Comprovei o valor terapêutico destes conhecimentos nas análises de crianças, mas ele não se limita a estas. Foi-me possível comprovar estas conclusões na análise de adultos e pude constatar que não só se confirmou sua exatidão teórica, como também se estabeleceu sua importância terapêutica.

---

[6] Karl Abraham, *Selected Papers*, International Psycho-Analytical Library, n.º 13.